

Que preparo é este?

Taísa Siqueira¹

Resumo

Tendo como ponto de partida a campanha publicitária de um colégio particular de Belo Horizonte, o artigo levanta questionamentos acerca de como está se configurando o *sentimento de infância* contemporâneo. Questiona a excessiva cobrança por resultados e produtividade desde muito cedo e um possível empoderamento, no sentido de responsabilização das crianças. Para tanto é traçada uma linha temporal do desenvolvimento da infância até a contemporaneidade e é proposta uma forma de olhar a ideia de infância expressa pela publicidade escolar. O artigo se apresenta mais como uma pequena fotografia de como estamos, do que como indicações do que deve ou não deve ser feito e, portanto, apresenta mais questões que respostas no sentido de contribuir com o aprofundamento do estudo do tema dentro da visada comunicacional.

Palavras-chave: Infância. Publicidade. Responsabilidade.

Abstract

Taking a Belo Horizonte private school hype as the starting point of this article, it raises questions about how is the “sense of childhood” being understood in the contemporaneity. It questions the excessive demand for results and productivity from an early age, and considers a possible empowerment of children. For that, a timeline of childhood development is presented, which helps to think about childhood today. This article proposes itself to reflect about how school advertising is expressing the idea of childhood and it offers ideas to understand the reality, more as a small picture of how we are, than as an indication of what should or should not be done about childhood, education or school publicity. Therefore it presents more questions than answers in order to contribute to the study of the topic under the social communication perspective.

¹ Taísa Siqueira é Mestranda no Programa de Pós-Graduação stricto-sensu em Comunicação Social da PUC Minas. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial pelo UNI-BH.

Palavras-chave: Childhood. Advertising. Responsibility.

A campanha por matrículas de 2016 de um colégio mineiro, que atende alunos desde a primeira infância até o ensino médio, utiliza-se do mote “*Tá preparado*” em peças voltadas para o ensino infantil, fundamental e médio. Em todas as peças a chamada principal “*Tá preparado?*” é seguida de um breve texto adequado ao público. O referente ao interessado na educação infantil diz que o colégio “vê seu filho grande, desde pequeno”, a frase compõe peças que apresentam um garotinho vestido de homem de lata espiando, pela cortina de um teatro, o que seria a plateia. Já as peças que apresentam imagens com crianças e adolescentes, voltadas para os interessados no ensino fundamental e médio, dizem que a vida pede preparo e que o colégio “ensina, em sala de aula, a enfrentar os desafios fora dela”.

A rede do colégio particular busca tocar os pais no que lhes é importante: o futuro de seus filhos, o colégio ofereceria então uma preparação para os desafios da vida. A escolha da imagem representativa do que seria o filho do cliente em potencial vestido de homem de lata acompanhado da afirmação de que o colégio o vê grande desde pequeno pode ser compreendida de muitas formas. Em uma percepção mais positiva, entende-se que a habilidade artística e a ludicidade podem ser privilegiadas, e a grandeza a que a campanha se refere é uma grandeza referente à importância da criança e à possível valorização de seus dons pela escola. Outra forma de ver a campanha, e à qual será dedicada uma atenção maior, é a possibilidade de a criança estar sendo realmente vista como gente grande quando ainda é muito pequena.

A imagem de um homem de lata é a de um personagem que, conhecidamente deseja ter um coração (item que felizmente aparece representado na imagem) e que tem dificuldades para reconhecer sentimentos – um robô, por assim dizer, também conhecido como lenhador de lata, personagem teria como função um ofício mecânico, repetitivo, de produtividade e não reconhece que sente. A escolha do homem de lata para a imagem de uma publicidade escolar permite uma reflexão acerca do contexto educacional contemporâneo em que se exige produtividade e até alguma frieza das crianças, que tem que lidar desde cedo com agendas cheias e metas variadas.

Observando o vídeo da campanha, as três imagens apresentadas nas peças impressas são reunidas começando pela cena do teatro em que um pequeno homem de lata espia a plateia pela cortina e uma mulher, talvez uma professora, questiona o garoto: “*Tá preparado?*”, entende-se: “preparado para se apresentar na peça, para

mostrar seu empenho até aqui?” o texto que se segue continua na linha das peças que diz que a vida pede preparo, mas diz que a instituição “ensina a enfrentar os desafios da sala de aula e de fora dela”. Depois do homem de lata, são mostradas crianças aguardando a vez para mostrarem um experimento, visivelmente ansiosas ao verem o grupo anterior passar por elas, e depois, um adolescente fazendo uma prova, e entregando ao responsável. A tensão de ter que mostrar o resultado da preparação é algo notório em todas as cenas, bem como um ar de competição e comparação com o colega.

Pode-se entender com base no vídeo da campanha que a própria escola já oferece desafios, e assim a criança estaria se preparando para outros desafios futuros. Nesse sentido, o mote “*tá preparado*” reconheceria na criança e no jovem a autonomia e a capacidade para enfrentar os desafios da vida desde a escola. É possível, porém, questionar essa responsabilidade assumida pelo colégio. Quando se diz, nas peças impressas, que a vida pede preparo e que ensinarão em sala o que será pedido fora dela, parece presente nessa percepção a ideia de uma preparação para a vida. O que até faria algum sentido se a vida se resumisse em vida pública. Poderíamos considerar a raiz latina da palavra educação *ex ducere*, ou “levar para fora”, para entender que a escola seria o espaço intermediário entre a intimidade do lar e a vida pública. Porém, não seria reduzir muito a vida?

Esta percepção permite que se compreenda a vida como existente apenas fora da escola, sendo o ambiente escolar somente um espaço de preparação que seria paralelo à vida, não de vida efetivamente real. Não seria só o fato da criança estar viva uma condição primeira para estar preparado para a vida que, necessariamente, acontece o tempo todo desde seu nascimento? Tais questionamentos trazem à recordação uma outra indagação feita por Ariès, quando escreveu sobre as crianças que morriam muito cedo, acerca de uma gravura da *Tabula Cebetis*² em que essas crianças eram representadas em uma zona marginal, entre a terra de onde saíram e a vida que ainda não haviam penetrado e da qual eram separadas por um pórtico *Introitus ad vitam*, ou “acesso à vida”. “Até hoje nós não falamos em começar a vida no sentido de sair da infância?” (AIRÈS, 1978, p. 57). Esse raciocínio consideraria a criança como um ser, no sentido existencial do termo, em formação e que só passaria efetivamente a existir depois que

² Obra de Matthaeus Merian que descreve simbolicamente a vida humana. Apresenta uma construção no topo de uma colina íngreme com uma estrada em espiral, e vários grupos de pessoas em diversas atividades havendo na base do monte um grande grupo de crianças na entrada do arco “Introitus Vitae”, com o velho homem “Genius” para a esquerda e mulher “Seductio” para a direita. Pode ser encontrado em: <<http://www.lib.utexas.edu/taro/uthrc/00484/00484p1-P.html>> acessado em outubro de 2015.

saísse dessa fase. Aparentemente algum vestígio dessa visão permanece ainda no século XXI e caminharia também ao encontro da comum percepção de criança como receptáculo da cultura e do saber. Concepção que vem sendo modificada, mas que ainda vigora. Clarice Cohn já expõe em 2005 a ideia de uma criança atuante, que tem “papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais.” (COHN, 2005, p.28) Para a autora o próprio reconhecimento da criança como ser de relativa autonomia é importante para que a criança não seja vista como um “adulto em miniatura” ou alguém que treina para a vida adulta (2005, p.28) de maneira que a criança não só se conformaria mas, também atuaria na configuração desses moldes e isso se daria em acordo com a cultura da criança e de sua família.

O mote “*Tá preparado*” é um questionamento direcionado para a criança e para o jovem, mas, na peça impressa com a imagem do homem de lata, o texto não envolve preparação, já envolve uma afirmação de grandeza. Não é possível afirmar nada quanto aos motivos que levaram a agência e o colégio a optarem por um texto diferente acompanhando essa imagem, mas considerando toda a atmosfera de cobrança gerada pelo mote “*Tá preparado*” parece impossível não pensar no peso da exigência de ser visto grande, desde pequeno. Seria exigir muito de uma criança o próprio questionamento acerca de sua preparação? De já ter que estar preparado quando ainda está na educação infantil? Os pais ao lerem tal anúncio deveriam se sentir aliviados por verem seus filhos em um lugar que já os vê grandes e que deles já exige preparação?

Tais questionamentos nos levam a pensar na infância contemporânea. Algo parece remeter à ideia publicada originalmente em 1982 por Neil Postman, que identifica na sociedade ocidental – mais especificamente na estadunidense – um possível desaparecimento do sentimento de infância e associa este possível fenômeno ao desenvolvimento das mídias e da comunicação de forma geral. O autor diz que a percepção de que a “linha divisória entre a infância e idade adulta está se apagando rapidamente” (1999, p.12) é comumente observada por muitos naquele tempo, e podemos dizer que esta percepção perdura em muitos deste tempo também. É possível que isso seja visto apenas como um saudosismo ou uma idealização da infância anterior ao tempo contemporâneo do observador, mas também é provável que alguma mudança esteja realmente se consolidando desde então até os dias de hoje. Como exemplo, podemos citar a questão da profissionalização na carreira de atores, atrizes e modelos mirins, que gera inúmeras controvérsias; a diminuição entre as diferenças entre crimes

de adultos e crimes de crianças e até entre as penas desses crimes³. Por outro lado é possível ver também um adiamento da vida efetivamente adulta e independente por jovens que sentem a necessidade de maior preparação com cursos superiores, pós-graduações, intercâmbios etc. ou ainda, de jovens que preferem não assumir essa independência e permanecerem por mais tempo na casa de seus pais, onde vivem com mais conforto pelo maior tempo possível, usufruindo mais dos direitos do que dos deveres de uma vida adulta. A intenção aqui, de forma alguma é generalizar, são apenas observações de uma possível mudança cultural que indica uma supervalorização da juventude⁴ em detrimento das outras faixas etárias do ser-humano.

Mesmo com a previsão de Postman, vemos, em 2015, a infância como uma ideia ainda fortemente presente em nossas vidas, seja na criação de inúmeros modelos de escolas e projetos pedagógicos alternativos, seja até na importância do mercado infantil como setor diferenciado de circulação de capital e em muitos outros âmbitos. Talvez o desaparecimento antecipado por Postman não tenha acontecido de forma objetiva, nem esteja se concretizando da maneira como imaginou, mas certamente, a infância continua se modificando em termos de suas valorações. A infância de que tratamos aqui é o *sentimento de infância*: “O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem.” (ARIÈS, 1978, p. 156)

Observamos, assim, a possibilidade do sentimento de infância, das valorações que são tidas como características particulares da infância, estarem se modificando, não necessariamente desaparecendo ou sendo anuladas, principalmente se considerarmos

³ Há muito tempo em muitos locais nos EUA e em outros países a separação entre crimes de adulto e de menores é relativizada e em alguns casos abolida. Parece importante assim trazer à tona discussão recente em torno da diminuição da maioridade penal no Brasil. Em Julho de 2015 o Plenário da Câmara dos Deputados aprovou a PEC-171/1993, Proposta de Emenda à Constituição, que reduz de 18 para 16 anos a idade penal para crimes hediondos, homicídio doloso e lesão corporal seguida de morte, a qual seguiu para o senado, mas que ainda não tramitou. Enquanto isso a sociedade brasileira se divide quanto à questão.

⁴ A esse respeito, Philippe Ariès faz alguma menção ao se referir a um de seus estudos em que diz acerca da polarização da vida social no século XIX em torno da família e da profissão, e a decadência da antiga sociabilidade. O autor diz que seu estudo foi apropriado por muitos estudiosos dos EUA, buscando compreender as “crises da juventude” em especial a resistência dos jovens em passar para o estado adulto. O estudo de Ariès sugeriria que essa situação poderia ser fruto de um isolamento prolongado dos jovens na família e na escola, e que “o sentimento da família e a escolarização intensa da juventude eram um mesmo fenômeno, um fenômeno recente, relativamente datável, e que antes a família se distinguia mal dentro de um espaço social muito mais denso e quente.” (ARIÈS, 1978 p.12).

tantos esforços em prol da infância em várias instâncias⁵ e até das próprias crianças em manterem seu status como diferenciado do dos adultos⁶. No sentido de observar a reconfiguração de alguns parâmetros da ideia, do sentimento de infância, será feito uma breve linha do tempo considerando a infância na cultura ocidental para que se tenha alguma base que possibilite a contextualização da infância nos dias de hoje.

Começando da Grécia na Antiguidade, Postman afirma que os gregos certamente não inventaram a infância, mas que chegaram perto por causa de suas PAIDEAS. Os atenienses fundaram grande variedade de escolas, “ginásios colégios de efebos, escolas de retórica e até escolas elementares em que eram ensinadas leitura e aritmética.” (POSTMAN, 1999, p. 21-22). Para o autor, onde quer que haja escolas há alguma consciência das peculiaridades dos jovens.

Ariès, partindo das culturas clássicas também faz considerações a respeito do que consegue observar na exposição artística da infância naquele período. Afirma que a representação realista da criança, ou a idealização da infância, da graça e das formas arredondadas infantis seriam próprias da arte grega, como seria possível verificar nas representações dos pequenos Eros que proliferavam no período helenístico. De acordo com o autor, junto com os demais elementos artísticos helenísticos desapareceu também da arte a representação da infância. Antes desse tempo, Ariès destaca a representação da criança como sendo baseada na figura adulta, o que existiam não eram representações de crianças, mas de humanos adultos em miniatura.

Os romanos chegam a representar a infância, mas o fazem com dificuldades, de maneira semelhante às do período arcaico. Além de emprestarem dos gregos algumas estruturas educacionais, chegam a começar a estabelecer uma conexão entre a criança em crescimento e a noção de vergonha, aspecto que para Postman é essencial para que haja uma identificação mais específica acerca de algo que se aproximasse da infância. Ele diz que para que haja a ideia de infância é necessária a existência de uma noção bem definida de vergonha e reconhece em textos da época o incômodo de alguns com a falta

⁵ Haja vista a Declaração dos Direitos da Criança (ONU, 1959) e o brasileiro ECA de 1990.

⁶ Aqui vale considerar não apenas o conhecimento que muitas crianças contemporâneas têm de seus direitos e de suas diferenças com relação aos adultos, o que é observável diariamente nas escolas, mas também a atualização feita pelo próprio Postman na edição de 1994 de seu livro em que afirma que permanece sustentando a ideia do livro, de que a cultura americana é hostil à infância, mas que se sente reconfortado ao pensar que as próprias crianças não são (POSTMAN, 1994, p.9). A afirmação é feita com base em cartas recebidas de várias crianças que não só não reconhecem em seu dia a dia o fim da infância, como exigem ainda mais direitos distintos dos adultos, como o de ir menos à escola para poder brincar por mais tempo.

de vergonha na frente das crianças⁷. Neste ponto podemos perceber como, para o autor, a ideia de infância exige a necessidade de proteção das crianças ante os segredos adultos, e assim, a importância de que existam segredos. A esse respeito Postman lembra que com as invasões bárbaras, Roma entra em decadência e, juntamente com a queda de Roma, cai também muito de sua cultura: desaparece a capacidade de leitura e escrita, desaparecem a incipiente ideia de infância e também a pequena noção de vergonha já existente, que seria então recuperada lenta e gradativamente, mais tarde, de maneiras diferentes de acordo com os contextos econômicos e socioculturais.

Essa não separação das crianças com relação à vida adulta é observada na Idade Média, na aprendizagem. O leigo comum, aprendia, principalmente de ouvido, fosse pelo contato com sermões e dramas sacros, fosse em recitais de poemas, narrativas baladas ou contos. Houve nesse período o que o autor chamou de retorno à condição natural de comunicação, sendo natural da comunicação a fala e a escuta, a interação face a face. Os seres humanos assim seriam, para o autor, seres biologicamente orais. A relação entre o não letramento e a não separação entre adultos e crianças fic mais clara quando Postman diz que:

Num mundo letrado, ser adulto implica ter acesso a segredos culturais codificados em símbolos não naturais. Num mundo letrado as crianças precisam transformar-se em adultos. Entretanto num mundo não letrado não há necessidade de distinguir com exatidão a criança e o adulto pois existem poucos segredos e a cultura não precisa ministrar instrução sobre como entendê-la. (POSTMAN, 1999, p. 27, 28)

No mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem sequencial, nenhuma concepção de escolarização como preparação para o mundo adulto (POSTMAN, 1999, p. 29)

A invenção da prensa no século XVI permitiu, para Postman, o nascimento da infância. “A tipografia criou um mundo simbólico que exigiu, por sua vez, uma nova concepção de idade adulta” (POSTMAN, 1999, p.34) Isso é notório também quando se observa mais tarde, o uso da palavra *Child* (criança) para se referir também a adultos que não sabiam ler. A nova idade adulta envolve alguma alfabetização e por definição, exclui as crianças, e “como as crianças foram expulsas do mundo adulto, tornou-se

⁷ Postman se utiliza do texto de Quintiliano para identificar alguma noção de vergonha romana. “Nós nos deliciamos se elas dizem alguma coisa inconveniente, e palavras que não toleraríamos vindas dos lábios de um pajem alexandrino são recebidas com risos e um beijo. ... elas nos ouvem dizer tais palavras, veem nossas amantes e concubinas; em cada jantar ouvem ressoar canções obscenas, e são apresentadas a seus olhos coisas das quais deveríamos nos ruborizar ao falar.” (deMause *apud* Postman, 1999, p.23.)

necessário encontrar um outro mundo que elas pudessem habitar. Este outro mundo veio a ser conhecido como infância” (1999, p. 34). O enfoque de Ariès não é o desenvolvimento tecnológico das comunicações, e por isso identifica alguma infância anteriormente, mas também aponta o surgimento de um sentimento mais forte de infância a partir do século XVI, ressaltando apenas que é no século XVII⁸ que a infância se fortalece mais. O que só foi possível porque desde o século XIII a sociedade haveria iniciado um processo lento e gradativo de reconhecimento da peculiaridade infantil que pode ser percebido nas artes (ARIÈS, 1978, p. 65).

A estrutura da consciência humana, de acordo com Postman, passou, com a prensa, a partir do século XVI, a se remodelar para corresponder à estrutura da comunicação avançando assim mais rapidamente no sentido da criação da consciência de infância. Postman cita Harold Innis dizendo que as mudanças na tecnologia da comunicação sempre geram três tipos de efeitos: alteram a estrutura de interesses ou os objetos de nossa atenção e pensamentos; alteram o caráter dos símbolos, os elementos a que recorremos para pensar e alterar a natureza da comunidade (a área em que os pensamentos se desenvolvem) (POSTMAN, 1999, p. 37). Reconhecemos aí um tom que se aproxima de uma percepção determinista – em que os seres humanos e suas relações são definidas pela tecnologia que teria, assim, um poder ativo sobre o ser humano, ideia da qual não compartilhamos. É possível, ainda assim, concordar com o autor, principalmente se observarmos as mudanças nas relações com a criança na educação envolvendo as alterações tecnológicas contemporâneas – considerando que é a própria sociedade que se transforma quando cria novas tecnologias e mídias – o que será abordado futuramente com base na percepção de Serres acerca do assunto.

O escritor como indivíduo, em consequência das alterações culturais e tecnológicas na produção escrita, desenvolveria mais o narcisismo e o individualismo até então mantidos sob o controle do anonimato (pelo sistema dos escribas). Seria a partir desses ideais que a sociedade moderna e também contemporânea firmaria seus alicerces. Com a prensa teria surgido assim a infância e também o que a enfraqueceria posteriormente, na visão de Postman. O individualismo é peça chave não só no pensamento de Postman como também no de Arendt, como será visto na sequência. Ambos consideram o individualismo elemento importantíssimo na desconstrução da

⁸ O autor afirma que o século XVII foi de muita importância para o desenvolvimento dessa mentalidade que considera a infância pois foi nesse século que as crianças começaram a ser reproduzidas sozinhas em retratos ou com destaque nos retratos de família, além das cenas de gêneros em que crianças santas e leigas foram representadas em lições de leitura, de música etc.

infância ou de alguns valores basilares na educação infantil respectivamente. Para Postman, seguindo o raciocínio de Innis, a prensa tipográfica – por permitir a percepção dos indivíduos (autores) com maior força pela possibilidade da reprodutibilidade – é também a semente para o senso exacerbado do EU, que, por sua vez, estaria na contemporaneidade levando a ideia moderna de infância à decadência. A partir da prensa os demais meios de comunicação, que atingiam cada vez maior abrangência, seriam o desenvolvimento dessa semente, pois com eles, se consolidariam sociedades com menos segredos para com as crianças e com o individualismo ainda mais acentuado na cultura ocidental contemporânea.

Hoje, podemos dizer que o individualismo continua como valor principal da cultura ocidental. Mas a noção de segredo, de reserva, de privado e porque não dizer, de vergonha já não tem tanto prestígio, nem mesmo com relação à criança. Sabe-se que as crianças têm acesso a muita informação, que estão sendo responsabilizadas cada vez mais cedo, e cobradas a estarem preparadas, como vimos na campanha do colégio. No entanto, hoje parece impossível que o sentimento de infância, consolidado ao longo de tantos anos, simplesmente desapareça da sociedade ocidental, como já aconteceu antes com a capacidade de leitura por exemplo. Certamente, porém, o mundo ao qual as crianças são trazidas exige muito delas no sentido de que dispõem de inúmeras e diferentes formas de conhecer, explorar e até de possivelmente tomar para elas mesmas a responsabilidade pelo futuro delas e do mundo.

A respeito disso podemos recorrer à Hannah Arendt que na década de 60 já observava a educação nos EUA com olhar crítico com relação à conferência de muita autonomia à criança. Arendt diz que na tentativa de não tolher a única característica que seria natural na criança, que seria o brincar, os adultos relegaram as crianças a um mundo particular delas, em que qualquer exercício de poder sobre elas poderia ser uma violência à natureza infantil. Outro pressuposto importante para Arendt – além do já citado relegar as crianças a um mundo próprio delas e separado do adulto – e que interfere diretamente na educação das crianças é a crise de autoridade em que adultos não assumiriam a responsabilidade nem pela criança, nem pelo mundo. Descompromissados com essa responsabilidade acabam deixando para a própria criança a necessidade de que seja autônoma, de que resolva suas questões e que cuide do mundo. O que para Arendt pode ter consequências graves e políticas.

A criação de um mundo da criança para Arendt, não no sentido de uma conscientização do *sentimento de infância* como expresso anteriormente, mas no sentido

de uma libertação da criança com relação ao adulto pode ter levado a uma crise na autoridade adulta. Assim seria gerada uma pequena sociedade formada por crianças autônomas, em que os adultos deveriam, na medida do possível, permitir que elas governassem a seu modo:

A autoridade que diz às crianças o que fazer e o que não fazer repousa no próprio grupo de crianças – e isso gera uma situação em que o adulto se acha impotente ante a criança individual e sem contato com ela. [...] A autoridade de um grupo, mesmo que este seja um grupo de crianças, é sempre consideravelmente mais forte e tirânica do que a mais severa autoridade de um indivíduo isolado. [...] Assim ao emancipar-se da autoridade dos adultos, a criança não foi libertada, e sim sujeita a uma autoridade muito mais terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria. (ARENDT, 2009, p.230)

Aqui vemos confluência na percepção de Arendt e de Postman, pois ambos percebem, em alguma medida, um abandono das crianças a elas mesmas, um não responsabilizar-se seja com relação à educação formal, seja na exposição de segredos na mídia. Outro ponto de convergência nas duas formas de pensar é a necessidade que Arendt vê de proteger as crianças do mundo, de permitir que elas tenham o lugar do íntimo, do reservado para se desenvolverem antes de se integrarem ao mundo público. Espaço do íntimo que para Postman estaria se perdendo, ou perdendo espaço para uma mídia que expõe tudo, numa perda de importância do segredo ou mesmo da vergonha frente às crianças. A respeito disso Arendt diz que:

Por precisar de ser protegida do mundo, o lugar tradicional da criança é a família, cujos membros adultos diariamente retornam do mundo exterior e se recolhem à segurança da vida privada entre quatro paredes. Essas quatro paredes, entre as quais a vida familiar privada das pessoas é vivida, constitui um escudo contra o mundo e, sobretudo, contra o aspecto público do mundo. Elas encerram um lugar seguro, sem o que nenhuma coisa viva pode medrar. Isso é verdade não somente para a infância, mas para a vida humana em geral. Toda vez que esta é permanentemente exposta ao mundo sem a proteção da intimidade e da segurança, sua qualidade de vida é destruída. (ARENDT, 2009, p.235-236)

Outro autor que também observa a desvalorização do privado e faz uma ligação com a relação entre adultos, crianças e jovens é Bauman. Ao dizer das novas tecnologias, em especial do *Twitter*, relaciona essas redes sociais a uma forma de reafirmação da existência e, faz referência ao cogito desenvolvido por Descartes “Penso logo existo”, ao dizer que hoje reina a ideia do “Sou visto, logo existo” (BAUMAN, 2011, p. 28), de forma que “quanto mais pessoas puderem escolher me ver, mais

convincente é a prova de que estou aqui”. E, em crítica à superficialidade do contato por meio do *Twitter*, ele expõe a constatação de que não tem importância nenhuma saber o porquê se está fazendo alguma coisa, o que se pensa, sonha ou deseja além da própria necessidade de manifestar a presença do usuário. Bauman destaca que hoje há uma inversão dos hábitos dos nossos ancestrais atestada pela perda de boa parte da coragem, energia e vontade de defender a esfera do privado. Pelo contrário, o que assusta a sociedade hodierna é a possibilidade de se fechar as saídas do mundo privado limitando o “dono desse espaço privado” a uma “sela solitária” (2011, p. 41), já que ser uma celebridade, e estar constantemente exposto aos olhos do público sem necessidade ou direito ao sigilo privado, é hoje, na visão do autor, um dos modelos de sucesso mais difundido e popular.

Arendt em 1954, Postman em 1982 e Bauman em 2010 observam a desvalorização do privado e do íntimo, da noção de vergonha e da necessidade de se guardar a criança de algumas coisas. Todos atrelam também a essa desvalorização uma percepção diferenciada de infância. Considerando que não se trata de uma questão efetivamente nova, observando-se as datas das primeiras publicações elencadas aqui, verifica-se a instauração gradativa de um possível novo parâmetro a ser considerado na percepção da infância contemporânea:

As diferenças de percepção já assumiram tantas facetas que, ao contrário do que se pensava nos tempos pré-modernos, os jovens não são mais vistos pelas velhas gerações como “adultos em miniatura” ou “miniadultos”, como “seres ainda não plenamente maduros mas fadados a amadurecer” (entendendo-se “maduro” por “ser igual a nós”). Hoje, não se espera nem se pressupõe que os jovens “estão em vias de se tornar adultos *como* nós”; a tendência é vê-los como um *tipo diferente*, que permanecerá diferente de nós por toda a vida. As discrepâncias entre “nós” (os mais velhos) e “eles” (os mais novos) não nos parecem mais corresponder a uma fase passageira e irritante, que tenderá fatalmente a se dissipar e a desaparecer à medida que eles amadureçam para as realidades da vida. Os jovens sem dúvida vão permanecer eles são irrevogáveis. (BAUMAN, 2011, p. 20)

Não havendo mais a ideia de miniadultos da idade média ou do período arcaico, e já tendo sido consolidada a ideia moderna de infância tratada por Ariès, é interessante retomar a peça publicitária do colégio que afirma ver a criança grande, desde pequena e que questiona seu preparo. Que seria isso? Que preparo é esse? Que grandeza seria essa? Seria um retorno? Seria a confirmação do fim da infância de Postman? Provavelmente as transformações observadas por Arendt, e por Postman estão se consolidando hoje, não no sentido do fim efetivo da infância, mas de maneira a

reconfigurar um novo sentimento de infância em que o segredo, a intimidade e a esfera do privado ganham nova valoração. Assim, observa-se uma possível confluência dos contextos tecnológicos e midiáticos e uma mudança na valorização do segredo, na ideia de proteção e responsabilização pela infância. Talvez hoje esteja acontecendo alguma consolidação das modificações na relação com a infância que Arendt e Postman já apontavam no século XX, mas não necessariamente nos mesmos termos.

A respeito dessa nova infância, Michel Serres também dá em 2012 seu parecer considerando crianças francesas, em um contexto socioeconômico privilegiado. As quais podem ser aproximadas aqui das crianças e jovens, provavelmente também elitizados, dos quais fala Bauman, e do público a que se direciona a campanha publicitária do colégio.

Em referência a essa criança contemporânea, Serres diz que ela não mais precisa armazenar dados, ocupando espaço mental, de forma que na sua mente só são feitas as conexões entre os dados. Ela, a quem o autor se refere como a Polegarzinha⁹, se sentaria em frente ao computador como se sentasse de frente para sua cabeça, onde estariam os dados “nossa cabeça foi lançada a nossa frente, nessa caixa cognitiva objetivada” (2013, p.36). No espaço vazio, “na ausência que se mantém acima do pescoço” dessa criança é que residiria a “nova genialidade” e a “autêntica subjetividade cognitiva” (2013, p.37). A criança Polegarzinha, portanto não necessariamente acumula conhecimento, mas é tão bombardeada com informações diversas de todos os lados, que não armazena o saber, ela confia que ele estará sempre à disposição para consulta, e, assim, pode-se entender que ela simplesmente não se preocupa com o futuro. Mais do que não se preocuparem com o futuro as crianças de hoje muitas vezes não valorizam o passado, não compreendem a história, não armazenam as memórias, guardando apenas as mais imediatas, o que torna a relação delas com a memória¹⁰, em muitos aspectos, prejudicada. Também podemos ver essa falta de cultivo e respeito à memória como um desdobramento da desvalorização da experiência adulta, do fato do adulto não assumir a responsabilidade pela criança, da crise de autoridade apontada por Arendt.

⁹ O autor chama a criança contemporânea de Polegarzinha em referência à habilidade da criança que desde muito nova digita em *tablets* e celulares com os polegares.

¹⁰ Michel Serres diz que as crianças e os jovens de hoje “foram formatados pela mídia propagada por adultos que meticulosamente destruíram a faculdade de atenção deles, reduzindo a duração das imagens a 7 segundos e o tempo de resposta às perguntas a 15 – são números oficiais. A palavra mais repetida é “morte” e a imagem mais representada é de cadáveres. Com 12 anos, os adultos já os forçaram a ver mais de 20 mil assassinatos.” (2013, p.17-18)

A educação contemporânea passa assim por um processo de mediação em que a publicidade, a profusão de informação e as opiniões geradas pela mídia e nas redes sociais na internet, são adotadas, pelas crianças e jovens, como atores efetivos na educação. Serres diz que as crianças e os jovens:

São formatados pela publicidade [...]. Nós adultos transformamos nossa sociedade do espetáculo em sociedade pedagógica, cuja concorrência esmagadora, orgulhosamente inculta, ofusca a escola e a universidade. Pelo tempo de exposição que dispõe, pelo poder de sedução e pela importância que tem, a mídia há muito tempo assumiu a função do ensino (SERRES, 2013, p. 18-19)

Diz ainda que o uso da internet, a leitura, ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta a sites de pesquisa e a atuação em redes sociais não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas do cérebro que são ativadas com o uso do livro ou do quadro negro, por exemplo. Essas crianças e esses jovens manipulariam assim várias informações ao mesmo tempo e, por isso, não sintetizariam o conhecimento da mesma forma que seus antepassados. Não teriam, portanto, a mesma cabeça. (SERRES, 2013, p. 19). Serres observa que essas crianças estão crescendo habituadas a terem as informações à mão, não sabendo se comportar no sistema escolar tradicional que exige uma postura passiva, de receptora de conhecimento. A Polegarzinha exercita sua autonomia, talvez não ainda da forma saudável com que Clarice Cohn indica, mas age muitas vezes como se já tivesse o conhecimento, como se já soubesse de tudo, pela simples crença de ter tudo ao alcance de seus polegares.

Quando pensamos assim em possíveis reconfigurações de alguns parâmetros do *sentimento de infância*, podemos observar uma mudança considerável no que é segredo, no que é guardado do olhar da criança e o que da criança é guardado do olhar do mundo. A possibilidade da alteração na valoração moral do que expor à criança – do que pode ou não ser visto, ou em que medida pode ser visto, dentro de um determinado contexto, e o tempo do que é visto exigindo ou permitindo, ou não, maturação daquelas ideias – pode inclusive, como sugere Serres, ter influenciado uma alteração no “funcionamento” da cabeça dessa nova criança, que como diz o autor, pensa muito diferente de seus antepassados diretos.

Depois de expor seu entendimento acerca da nova criança e do novo jovem, o autor questiona a educação que essas pessoas recebem. Sendo uma educação formal e tradicional Serres interroga: “Como transformar o espaço do campus, que se molda pelo

acampamento militar do exército romano [...]?” como pensar a educação de forma a atender efetivamente essa nova classe de crianças e jovens “formatados” pela mídia? São questionamentos que o autor tenta responder, trazendo uma ideia de educação sem os conhecimentos muito compartimentados, que consiga fazer os entrecruzamentos naturais à cabeça da Polegarzinha. Claro que essas propostas ainda são incipientes, e carecem de mais estudos e observações práticas, mas a intenção de trazer esses questionamentos aqui é justamente apresentar mais uma percepção de uma nova infância, e, portanto, da necessidade de uma nova educação.

Uma educação que exige preparo e conformação da criança em um modelo preparatório pré-definido, seria a mais adequada para as crianças que cada vez mais são Polegarzinhas? Retornando à campanha publicitária da escola que apresenta a criança sempre submetida a uma avaliação adulta, e que apresenta o jovem inserido em uma classe tradicional, estaria essa campanha alinhada com essa possível nova ideia de infância? A princípio seria possível afirmar que não, principalmente considerando o termo classe estando ligado etimologicamente à ideia de fileiras regulares do exército (SERRES, p. 52). Ideia inicialmente incompatível com a ansiedade, impaciência e urgência em se expressar tão características da Polegarzinha.

A necessidade da criança estar preparada e de ser grande desde pequena pode ser compreendida como um sinal da responsabilização das crianças por elas mesmas, de uma exigência feita sobre a infância, mas digna da vida adulta: a de estar preparado. Uma possível negativa ao direito de não saber. Poderia ser compreendida em uma alegoria a um Charles Chaplin mirim que resolve testes e mostra o seu preparo em uma linha de montagem, estando o tempo todo sob uma avaliação que exige a produtividade, em que notas máximas figuram no lugar dos parafusos e das engrenagens de “Tempos Modernos”. Percepção que caminharia bem ao lado da imagem de um homem de lata. Tal possibilidade seria absolutamente natural e facilmente aceita em uma sociedade que caminha para uma infância Polegarzinha, já que a Polegarzinha quer ter autonomia desde cedo, e já se enxerga autônoma, mesmo que ainda não pudesse ser.

A campanha reflete justamente esse momento intermediário entre a ideia da criança como receptora passiva da cultura, perceptível no aluno que é cobrado com rigor e conformado em fileiras justapostas, e cuja vida só começa fora da escola, depois de devidamente preparado pelo colégio; e o aluno que é autônomo, que já responde por si, que está sempre preparado. Que é “grande, desde pequeno”, até porque já teria ao alcance de seus polegares toda a informação. Que, em alguma medida, já seriam

responsáveis por eles próprios, mesmo sendo ainda crianças, como indicaram Postman e Arendt, mas de uma maneira altamente dinâmica e não necessariamente negativa, como sugere Serres. Mas, certamente, de um jeito que merece novas atenções por parte da educação e da produção em comunicação para que a ética não se perca e que a educação continue seu caminho de adaptação.

Referências

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Ed. Perspectiva. São Paulo. 2000. Cap.5. p.221-247.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Tradução: Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.